

UNESP – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FAAC – FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
DSCO – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

GIOVANNA NASCIMENTO FALCHETTO
TATIANA OLIVETTO MARANHÃO BROETTO

**LIVRO-REPORTAGEM: RELATOS FEMININOS DE UM RELACIONAMENTO
ABUSIVO**

**Bauru – SP
2017**

GIOVANNA NASCIMENTO FALCHETTO
TATIANA OLIVETTO MARANHÃO BROETTO

**LIVRO-REPORTAGEM: RELATOS FEMININOS DE UM RELACIONAMENTO
ABUSIVO**

Memorial de Projeto Experimental apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, do Departamento de Comunicação Social, da Unesp - Universidade Estadual paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientadora do Projeto Experimental:
Prof^a. Dra. Lucilene dos Santos Gonzáles.

Bauru – SP
2017

**Giovanna Nascimento Falchetto
Tatiana Olivetto Maranhão Broetto**

**LIVRO-REPORTAGEM: RELATOS FEMININOS DE UM RELACIONAMENTO
ABUSIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso

**aprovado em ____/____/____ para obtenção do título de bacharel em
Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.**

Banca Examinadora:

Lucilene dos Santos Gonzáles

Caroline Kraus Luvizotto

Maximiliano Martin Vicente

AGRADECIMENTOS

Aos nossos familiares,
que nos apoiaram e torceram por nós durante todo o período da faculdade e jornada da vida.

À nossa orientadora Lucilene,
obrigada por comprar essa ideia conosco e aceitar orientar um tema que era tão importante para nós.

Às meninas-mulheres gigantes de espírito que entrevistamos,
muito obrigada por compartilharem suas histórias e deixar que relatássemos esses relacionamentos no nosso livro

À Defensoria Pública de Bauru,
que fez questão de solucionar várias dúvidas jurídicas e legais que tínhamos sobre o assunto

À psicóloga Maria Ivone Costa,
obrigada pela disponibilidade e ótima conversa sobre comportamento e relacionamento

Ao universo e Deus,
que nos possibilitou saúde e disposição para a realização desse projeto

Às nossas amigas, especialmente Rafaela Nogueira e Bheatriz D'Oliveira,
por ter nos acompanhado durante toda a graduação, permanecendo sempre ao nosso lado, nos apoiando durante esse projeto.

À parceria Giovanna-Tatiana
que mais uma vez mostra que é possível colher ótimos frutos da amizade.

DEDICATÓRIA

Dedicamos esse livro aos nossos familiares
e a todas as mulheres que já passaram por
um relacionamento abusivo e encontraram
forças para seguir em frente.

RESUMO

Esta pesquisa tem o intuito de levantar a discussão sobre a existência de relacionamentos afetivos abusivos na sociedade brasileira e, principalmente, entre os jovens; além de apontar as principais causas sociais que levam a esse tipo de relação e os tipos de violência existentes, que podem trazer consequências sérias a suas vítimas, tornando-se assim uma questão de saúde pública. Para isso, partimos das hipóteses de que as causas que levam a esse fenômeno podem ser influenciadas pelo machismo e pelo patriarcalismo, que ainda fazem parte do contexto social brasileiro. A partir dos relatos de mulheres vítimas de relações abusivas, pretendemos entender de que forma essas relações podem contribuir para o alto índice de violência sexual, física e psicológica que as mulheres sofrem atualmente na nossa sociedade.

Palavras-chave: relações abusivas, violência, mulheres, sociedade, saúde pública

ABSTRACT

This research is intended to bring up the discussion about the abusive affective relationship into Brazilian's society, primarily between young adults, besides point the mainly social causes that leads to this kind of relation and the types of abuses existent that can bring severs consequences to the victims, what makes this a public health issue. For this, we use the hypotheses that the causes to an abusive relationship that lead us to this phenomenon can be influenced by sexism and patriarchy that are still present into Brazilian society context. Out the stories of women victims of abusive relationships, we intend to understand how this relationships can contribute to a high level of sexual abuse, physical abuse and psycho abuse that women suffer daily in our society.

Key words: abusive relationship, violence, women, society, public health

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Relacionamentos abusivos	10
1.2	Justificativa	11
1.3	Proposta	12
1.3	Objetivos	13
1.3.1	Objetivo Geral	13
1.3.2	Objetivos Específicos	13
2	FUNDAMENTOS TEÓRICOS	13
2.1	Escolha do gênero	13
2.1.1	Reportagem de perfil	14
2.2	Formato	15
2.3	Conceitos relacionados ao tema	17
2.3.1	Questões de gênero	17
2.3.2	Violência contra a mulher	19
2.3.3	Relacionamentos abusivos	21
2.4	Técnicas jornalísticas empregadas	24
3	PROJETO DO PRODUTO JORNALÍSTICO	25
3.1	Escolha do tema e do produto	25
3.2	Projeto Editorial	26
3.2.1	A linguagem	27
3.2.2	O público - alvo	27
3.2.3	Viabilidade do mercado	28

3.2.4 Circulação e lançamento	28
3.2.5 Custos	29
4 O LIVRO – REPORTAGEM.....	29
4.1 O processo de produção	29
4.1.1 Definição das entrevistas.....	29
4.1.2 Busca e escolha das fontes	30
4.1.3 Redação das matérias	31
4.1.4 Uso de imagens.....	32
4.2 Técnicas empregadas	32
4.3 Produto final	33
4.3.1 Projeto gráfico.....	33
4.3.2 Especificações técnicas	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38
ANEXOS	40

1 INTRODUÇÃO

1.1 Relacionamentos abusivos

É de característica da sociedade atual a estrutura familiar e de conjuntura social o relacionamento entre homens e mulheres. Também não é de hoje relações em que um dos lados abusa do poder e o exerce de forma predominante em cima do parceiro. Isso é chamado de relacionamento abusivo. Esse termo vem sendo abordado de forma mais séria e até como caso de saúde, como deveria ser feito. Entretanto, ainda não temos uma discussão generalizada sobre o tema, em razão do patriarcalismo ainda existente e o sexismo, ainda presente em alguns traços da nossa sociedade atual.

Em 7 de Agosto de 2006, a lei de número 11.340, mais conhecida como Lei Maria da Penha, foi aprovada no Brasil, como um recurso constitucional para aumentar a proteção às vítimas de crimes domésticos contra a mulher, como agressões físicas às mulheres que apanham dos parceiros, e até punição para aqueles que cometem homicídio contra suas mulheres, namoradas, ex-namoradas e afins. A Lei entrou em vigor em 26 de Setembro do mesmo ano de sua aprovação e até então já foi muito recorrida, tendo em vista que o Brasil exerce o quinto lugar no ranking mundial de países com mais crimes cometidos contra a mulher, de acordo com pesquisa do portal de notícias G1.

Apesar do avanço com a aprovação da Lei Maria da Penha, a violência contra as mulheres brasileiras ainda é uma realidade, e pode manifestar-se de várias formas, entre elas, a violência psicológica e verbal em relacionamentos estáveis de longa ou curta duração, ou seja, os chamados relacionamentos abusivos. Por não apresentarem violência física por parte de um dos lados, o relacionamento abusivo não desperta tanta preocupação da sociedade, entretanto a violência verbal e psicológica pode ser tão prejudicial para a saúde da mulher como a violência física.

Essa realidade pode ser encontrada em diversos relacionamentos, principalmente entre pessoas jovens. E não são uma realidade apenas de pessoas sem instrução ou de baixa renda, é uma realidade que atinge mulheres de todas as faixas etárias, rendas e estruturas familiares. Essas mulheres buscam reciprocidade no relacionamento, mas, muitas vezes, as consequências desse relacionamento abusivo acarreta em depressão, infelicidade e falta de paz em suas vidas.

1.2 Justificativa

A realidade apontada deriva do machismo na sociedade, a tradicional predominância do homem na relação conjugal heterossexual, seja ela casamento civil, união estável ou namoro entre duas pessoas dos gêneros feminino e masculino. Como jornalistas, observamos esse fato e, nessa pesquisa, apresentamos relatos de mulheres que tiveram suas vidas marcadas por relacionamentos abusivos em suas mais diferentes formas, e algumas perspectivas de profissionais especializados no assunto que confirmam o machismo e o patriarcalismo ainda presente nesses relacionamentos.

Apresentamos como resultado da investigação jornalística e análise dos dados o livro-reportagem com perfis de mulheres na faixa etária entre 18 a 26 anos que passaram por um ou mais relacionamentos com abusos físicos, psicológicos ou verbais e que tiveram consequências como dificuldade em se relacionar de novo até desenvolvimento de distúrbios dos mais variados com tentativa de suicídio, se tornando assim um caso de saúde pública.

De acordo com a pesquisa “Dados e estatísticas sobre a violência contra as mulheres”¹ três a cada cinco mulheres jovens já sofreram violência em relacionamentos.

As relações entre homens e mulheres são pautadas, portanto, por parâmetros culturais aprendidos primeiramente nas famílias e depois reforçados pelas demais instituições sociais (MURTA, BUCHER-MALUSCHKE, DINIZ, 2015, p. 23).

Dessa forma, as atitudes violentas que resultam no relacionamento abusivo derivam de um conjunto de fatores que leva aos agressores terem esse tipo de atitude, como traumas, educação e comportamentos pessoais do parceiro abusivo, influenciado pela sociedade patriarcal e os moldes impostos por ela, presentes numa atitude machista. Tendo essa realidade em voga, é de suma importância a compreensão das causas, dos indícios de um relacionamento dessa forma, das consequências e principalmente de como sair desse tipo de relacionamento e dos recursos possíveis que podem ajudar a mulher a superá-lo.

¹ compromissoeatitude.org.com. Acessado em Maio de 2017

Tratando-se de uma agressão que resulta em casos de saúde pública, a pesquisa em questão propõe um livro-reportagem de perfil como produto final, visando usar esse gênero para unir a investigação jornalística acerca do tema com a literatura dos relatos e histórias ouvidas sobre essas mulheres.

A função do livro-reportagem aparente de informar e orientar em profundidade ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, ideias, e figuras humanas, de modo que ofereça ao leitor um quadro de contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo. Esta função aparente, ou declarada, pode se manifestar em diferentes níveis e em dois sentidos. De tal modo que a profundidade pode se dar horizontalmente - sentido extensivo -, verticalmente- sentido intensivo - ou numa mescla de ambos. (LIMA,1995, p.37)

O livro-reportagem pretende abordar a dinâmica desses relacionamentos e como eles surgem na rotina, como se sustentam e porque mulheres de diversas personalidades permanecem em relacionamentos desse tipo.

(...) se observa com mais atenção, se vê que o jornal, mais do que oferecer um modelo de realidade, uma imagem fiel de 24 horas do mundo, oferece uma representação dos conflitos íntimos do homem moderno". (Para analisar los mass media. KIENTZ apud LIMA, 1974, p.103)

1.3 Proposta

Nesse contexto social brasileiro, onde predominam ainda as relações afetivas e o machismo presente como base na educação social, essa pesquisa tem como objetivo conhecer as mulheres que passam ou passaram por relacionamentos abusivos, a razão social do abuso de poder do homem nas relações afetivas, a partir de relatos de mulheres vítimas dentro desse tipo de relacionamento analisado.

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivo geral

Trazer uma reflexão sobre a influência do machismo e patriarcalismo nas relações heterossexuais afetivas e como a violência verbal e psicológica dentro de relacionamentos abusivos tornam-se casos de saúde pública tanto quanto a violência física, a partir de relatos de vítimas.

1.4.2 Objetivos específicos

- Fundamentar teoricamente a dinâmica social, cultural, psicológica de um relacionamento abusivo;
- Refletir sobre a sociedade brasileira, ainda predominantemente machista e patriarcal e suas influências nas atitudes dos parceiros das vítimas dos relatos.
- Apresentar o perfil de mulheres entrevistadas por meio dos relatos de violência verbal e psicológica.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Para realizar o trabalho, foi feito um mapeamento teórico e histórico dos temas que envolvem a pesquisa; desde a fundamentação teórica sobre o gênero escolhido até o aprofundamento sobre o tema da violência contra as mulheres e os relacionamentos abusivos. A partir dessa base de dados, foi possível desenvolver o trabalho de maneira adequada, fazendo com que a ideia do livro-reportagem sobre relacionamentos abusivos fosse concretizada.

2.1 Escolha do gênero

A partir da proposta de pesquisa aqui apresentada, o gênero jornalístico livro-reportagem justifica-se por conter histórias com personagens humanizados e também por ser um trabalho que busca uma maior compreensão da realidade e um aprofundamento maior dos fatos e uma maior liberdade de narrá-los.

De acordo com Edvaldo Pereira Lima (2009), o livro-reportagem desempenha um papel específico, uma vez que contém informações ampliadas sobre fatos que

desempenham uma relevância social, podendo abarcar uma enorme variedade de temas. Nesse ponto, a reportagem diferencia-se da notícia, que apenas apresenta os acontecimentos de forma imediata, sem uma compreensão e um aprofundamento adequados.

Em uma reportagem, segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986), predomina uma forma narrativa, uma humanização adequada dos relatos e uma objetividade dos fatos apresentados, através de um texto impressionista, algumas vezes. Diferencia-se de uma literatura ficcional no sentido de que a reportagem deve tratar de fatos reais.

(...) o eixo condutor de tudo é o reportar, a arte de você partir a campo para o mundo, vivenciar uma situação, testemunhar acontecimentos, interagir com pessoas imersas nas suas circunstâncias particulares de vida e de seu momento histórico, dar significado à realidade que você constata e expressar tudo isso, num texto, com vivacidade, vigor, valor estético e validade. (LIMA, XV, 2009)

Para tanto, a reportagem pode se apropriar de recursos provenientes do jornalismo interpretativo, por meio do estudo de um contexto específico, antecedentes históricos, suporte especializado, como enquetes e entrevistas, e estudo de perfil, através de uma abordagem multiangular.

2.1.1 Reportagem de perfil

Dentro do gênero reportagem, existem subdivisões que caracterizam o seu estilo e a forma como serão apresentadas e dispostas as informações no livro. Dentre eles, há o gênero de perfil, que busca focar nas histórias pessoais de cada personagem e adentrar em sua realidade. O enfoque é dado na pessoa que se torna protagonista e há uma descrição tanto de suas ações no ato da entrevista, quanto de características pessoais, reações, contexto em que se encontra e sua visão sobre o problema social que o livro reportagem dará enfoque.

Em jornalismo, perfil significa enfoque na pessoa – seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é o protagonista de uma história: sua própria vida. Diante desse herói (ou anti-herói), o repórter tem, via de regra, dois tipos de comportamento: ou mantém-se distante, deixando que o focalizado se pronuncie, ou compartilha com ele um determinado momento e passa ao leitor essa experiência (SODRÉ, 1986, p.126)

Nesse ponto, a reportagem de perfil difere de uma biografia, uma vez que o perfil contém impressões pessoais do autor e suas interpretações acerca dos relatos colhidos dos personagens em questão.

Nesse gênero, o maior desafio é fazer com que os perfilados se sintam à vontade para falar e expor suas histórias, ainda mais se tratando de um tema delicado como relacionamentos abusivos. O perfil se torna bem sucedido quando há um diálogo aberto com o personagem que será destacado, tornando-o humanizado através da compreensão de seu contexto social e sua história de vida. “Esta é uma entrevista aberta que mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida” (MEDINA, 2000, p. 18).

Dessa forma, levando em consideração o objetivo desse projeto, conhecer a realidade de mulheres que já passaram por relacionamentos abusivos e suas respectivas percepções diante dessa problemática, a reportagem de perfil torna a discussão mais realista e aprofundada, através dos relatos das jovens e de suas vivências. Esse contato íntimo com personagens reais que passaram por situações de relacionamentos abusivos pretende trazer uma verdade ao leitor sobre esse fato social e colocar em discussão o problema.

2.2 Formato

O formato de livro-reportagem teve suas origens no movimento que se iniciou na década de 60 e ganhou força nos Estados Unidos, o *New Journalism* ou Jornalismo Literário. Autores como Tom Wolfe, Gay Talese, Truman Capote; dentre outros, iniciaram o movimento de retratar histórias e fatos jornalísticos através do uso da literatura, fugindo do jornalismo diário e criando novas formas de escrita, distanciando-se do *lead* jornalístico. Segundo Wolf, “a ideia era fornecer a descrição objetiva completa, e ainda outra coisa que os leitores encontravam nos romances novelas: concretamente, a vida emocional e subjetiva dos personagens” (WOLF,

1975, p. 35). No Brasil, o movimento também ganhou alguns adeptos e em 1970, o primeiro livro - reportagem brasileiro foi publicado, pelo autor Fernando Morais.

Esse formato pretende,

(...) potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2006, p. 13).

Assim, o livro-reportagem passa a ser um gênero que se baseia nos elementos básicos do jornalismo – como a veracidade dos fatos, objetividade, apuração – mas também se debruça sobre elementos literários, com maior liberdade na sua elaboração e fugindo do modelo da pirâmide invertida. Traz uma narrativa baseada em fatos reais, porém conduz a narrativa de maneira mais lúdica, utilizando artifícios de construção do texto.

De maneira geral, para fazer um livro-reportagem, ele deve conter alguma características próprias, que facilitam a distinção desse gênero com outros.

(...) três aspectos essenciais devem ser considerados para a avaliação de um livro-reportagem: seu programa técnico – abarcando o conjunto de instrumentos de que se vale para a produção da mensagem; seu projeto estético —a arquitetura de elementos que lhe dão expressão; e seu propósito ético – a natureza de sua visão de mundo, focando a realidade”. (LIMA, p. 317, 2009)

Diante desse exposto, o objetivo de retratar histórias de mulheres que já passaram por relacionamentos abusivos e trazer uma reflexão sobre as causas desse problema em nossa sociedade se encaixa dentro do produto final, um livro-reportagem de perfil, que levará o nome de “Amores Abusivos: sob o olhar delas”. Mostrar na reportagem o quanto as mulheres sofrem com relacionamentos abusivos, a influência do machismo que ainda impera em nossa sociedade e as consequências dos abusos, tanto psicológicos quanto físicos são objetivos desse livro. Dessa maneira, fazer um alerta para as mulheres e identificar os principais fatores que caracterizam relacionamentos dessa natureza, através dos relatos reais de mulheres que passaram por isso.

Acredita-se que o gênero livro-reportagem se encaixa, por conceder maior liberdade em relação ao formato e à linguagem, ao mesmo tempo que trata de um assunto atual e busca uma imersão e uma humanização dos personagens centrais. O livro-reportagem constrói o fato jornalístico através do olhar diferenciado do autor, do resultado da sua interação e sua experiência individual, revelando um estilo próprio e característico. Como diz Lima (1998, p.10), “(...) uma forma de mensagem mais rica, cujo teor procura redimensionar a realidade sob um horizonte de perspectivas onde não raro existem várias dimensões dessa mesma realidade”.

2.3 Conceitos relacionados ao tema

2.3.1 Questões de gênero

A inserção das mulheres dentro da nossa sociedade ainda é muito recente. Até muito pouco tempo, as mulheres ainda não tinham o direito de exercer a cidadania nem através do voto no Brasil; direito conquistado apenas no ano de 1932. A educação recebida pelas mulheres por muitos anos era baseada no ideal de mulher criada para servir o homem, gerar filhos, formar uma família e viver para os afazeres domésticos. Ideal este que perdura e tem reflexos muito fortes em nossa sociedade até hoje; atualmente, as mulheres ainda têm de conviver com pensamentos misóginos e segregação em seu cotidiano. Esse pensamento faz com que haja um desequilíbrio nas relações entre os gêneros, uma desigualdade e, conseqüentemente, abuso de poder.

Gênero se refere ao conjunto de relações, atributos, papéis, crenças e atitudes que definem o que significa ser mulher ou homem na vida social. Na maioria das sociedades as relações de gênero são desiguais e desequilibradas no que se refere ao poder atribuído a mulheres e homens. As relações de gênero, quando desiguais, tendem a aprofundar outras desigualdades sociais e a discriminação de classe, raça, casta, idade, orientação sexual, etnia, deficiência, língua ou religião, dentre outras. Os desequilíbrios de gênero se refletem nas leis, políticas e práticas sociais, assim como nas identidades, atitudes e comportamentos das pessoas. (CORREA, 2011, p. 343 apud HERA, 1998)

Gênero está intimamente ligado a questões de poder. Nunca foi dada voz para as causas das mulheres, que perdiam o seu poder devido à questão do

patriarcado, “(...) uma realidade bem sucedida que muitos não conseguem pensar na organização da vida humana de maneira diferente da patriarcal, em que o macho domina de direito e de fato” (MURARO, 1992, p.61). Conseqüentemente, a exclusão da mulher no exercício do poder traz uma conformação social e faz com que haja uma percepção da incapacidade feminina de exercer funções sociais e de ter voz ativa.

As mulheres, tal como os homens, são diferentes entre si em função da classe social, cor, etnia, nível educacional, perspectivas e posições políticas. Mas, também, tal como eles, são semelhantes. Isso porque as relações de gênero refletem uma construção social do masculino ainda atrelada à ideia de domínio e do feminino à de subalternidade. Homens e mulheres ocupam posições diferentes no acesso e exercício do poder, o que certamente diferencia seus valores e visões de mundo. A identidade feminina tem sido marcada, ao longo dos séculos, pela vivência da exclusão do poder institucional. (PITANGUY, 2011, p.29)

Dessa forma, a mulher também teve suas vontades anuladas dentro de seus relacionamentos. A mulher criada para servir o homem, de atitude estática, tornava o homem um ser dinâmico. Segundo a visão de Muraro (1992, p.4), “era o homem o senhor de todas as iniciativas e de toda a criação, e a mulher, o esplêndido silêncio, o mistério, a imobilidade, a submissão, a aceitação, o acolhimento”.

Assim, espera-se uma atitude feminina que vá de encontro a esse pensamento; ser uma mulher de família. Se for contra isso, a mulher é considerada leviana aos olhos masculinos, que rompe com a moral e com os bons costumes, indigna de constituir uma família e de possuir um bom casamento. Essa concepção da importância do olhar masculino às mulheres faz com que o homem detenha muito mais poder em suas relações. A mulher se torna responsável em agradar e fazer com que um relacionamento seja bem sucedido, caso contrário, o olhar masculino passará a ser outro e a culpa recairá somente na mulher. A questão da culpabilização da mulher é recorrente, uma vez que em casos de violência, seja ela verbal, física ou sexual, ainda há a culpa na mulher. É comum e normal ver casos em que a mulher se torna culpada apenas pelo uso de uma vestimenta, por ter aceitado viver um relacionamento ou por um comportamento que vá ao encontro ao comportamento passivo.

Diante disso, as questões de gênero passam a ser discutidas, uma vez que o homem passa a assumir um papel ativo e a mulher um papel passivo; ela é educada para aceitar a autoridade de forma passiva e, conseqüentemente, a violência masculina. O comportamento violento ou machista do homem ainda é considerado natural, fazendo com que atos violentos sejam justificados. Para Odalia (1983, p. 23), “O ato violento se insinua, frequentemente, como um ato natural, cuja essência passa despercebida”.

Nessas questões de gênero, observa-se que o homem é visto como detentor de um certo poder, e sua função é de dominação; enquanto a mulher toma um lugar frágil, de dominada e deve se adequar a certos padrões para agradar ao homem; caso contrário, poderá sim ser vítima de atos violentos, pois ainda existe a concepção de que a mulher é propriedade do homem. Esse tipo de relação produz uma certa aceitação, não há questionamentos, gerando comportamentos e pensamentos automáticos e que são normalizados pela sociedade, se perpetuando de geração em geração e fazendo com que o modelo patriarcal ainda seja uma realidade.

2.3.2 Violência contra a mulher

Esse modelo patriarcal da nossa sociedade e levando em conta as desigualdades de gênero existentes, o uso da violência é algo considerado justificado, porém é um problema estrutural. De acordo com pesquisa feita pela OMS (Organização Mundial da Saúde) em 2013, 70% das mulheres no mundo inteiro já foram vítimas de violência física ou sexual por parte dos seus parceiros íntimos. E no Brasil, segundo pesquisa divulgada em março de 2017 pelo Datafolha em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança, uma em cada três mulheres sofreram algum tipo de violência no último ano. Em relação à agressão física, são 503 mil mulheres a cada hora. Dentro dos relacionamentos, uma pesquisa feita pelo Instituto Avon em parceria com o data Popular em 2014, revelou que 3 a cada 5 mulheres jovens já foram vítimas de violência por parte de seus parceiros, seja verbal, física ou sexual.

Etimologicamente, violência vem do latim *vis*, força, e significa: 1) tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar); 2) todo ato de força contra a espontaneidade, à vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3) todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa, valorizada positivamente, por uma sociedade (é violar); 4) todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como justas e como um direito; 5) conseqüentemente, a violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, medo e terror. A violência se opõe à ética, por tratar seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos. Na medida em que a ética é inseparável da figura do sujeito racional, voluntário, livre e responsável, tratá-lo como se fosse desprovido de razão, vontade, liberdade e responsabilidade, equivalem a tratá-lo, não como humano, e sim como coisa, violentando-o nos cinco sentidos dados à palavra violência. (CHAUÍ, 1998, p.2)

Vivemos em uma sociedade onde a violência permeia todas as camadas sociais e atos violentos são considerados normais. As mulheres, por serem consideradas mais fracas e por não possuírem uma voz de poder, são vítimas constantes de atos violentos, muitas vezes, apenas pelo fato de terem nascido mulheres. De acordo com a Declaração para a Eliminação de Violência contra a Mulher (1993), define-se violência contra a mulher como qualquer ato violento que resulte em, “dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico para as mulheres, incluindo as ameaças de tais atos, a coação ou a privação arbitrária de liberdade, que ocorra, quer na vida pública, quer na vida privada”. Esses atos violentos fazem com que a mulher seja privada de seus direitos fundamentais e de sua liberdade, limitando o seu exercício pleno de cidadã.

Segundo a teoria de Soares (1999), os tipos de violência desferidos às mulheres são o abuso físico, violência psicológica, abuso sexual e violência patrimonial. Por definição, o abuso físico é toda ação que coloca em risco a integridade física de uma pessoa; violência psicológica é todo tipo de ação cujo intuito é a degradação, humilhação ou dominação da outra pessoa; abuso sexual se refere às ações que engloba o estupro, maus tratos e violação do corpo sem consentimento e de maneira violenta; violência patrimonial é quando há uma apropriação e um desejo de destruir objetos pessoais do parceiro, além do dinheiro. Atualmente, também temos o termo assédio moral; tentativa de anulação e

destruição psíquica e até física, por meio de agressões sutis. Normalmente, essa incidência de ações ocorre com casais, sejam cônjuges, ex-cônjuges, namorados ou noivos. No geral, os parceiros conhecem bem suas parceiras, conhecem suas reações e ações, tonando-as vulneráveis e suscetíveis a esse tipo de violência (TELES; MELO, 2002) o que facilita a sua dominação e a sua manipulação.

Todos esses atos podem ser responsáveis por diversos danos à mulher. Não somente os danos físicos visíveis como agressões, lesões e em casos extremos a morte, como também os danos psíquicos. Casos de violência contra a mulher podem levar a quadros de depressão, perda de identidade, perda da autoestima, pânico, tentativas de suicídio, dentre outros.

(...) a violência contra as mulheres é uma expressão de dominação masculina que, ao mesmo tempo, estrutura e perpetua as relações de poder entre homens e mulheres. A rigor, portanto, toda e qualquer mulher estaria virtualmente exposta a esta violência, do mesmo modo que todo e qualquer homem poderia, em algum momento de sua vida, se tornar um agressor, desde que vissem ambos em sociedades patriarcais. (PORTELLA, 2006, p.2)

Anteriormente à lei Maria da Penha, a representação social da violência contra a mulher vinha acompanhado de uma justificativa de crime passionai, justificado pela sociedade patriarcal; embora essa visão ainda mantenha alguns resquícios na sociedade atual. Atualmente, a representação da violência contra a mulher já alude à Lei Maria da Penha, ao desrespeito e à violação dos direitos humanos e um crime motivado pela covardia, machismo e preconceito. Além disso, o movimento feminista vem ganhando força, fazendo com que as mulheres tenham e ganhem voz. O feminismo, segundo Gregori (1993, p.15), “corresponde à preocupação de eliminar as discriminações sociais, econômicas, políticas e culturais de que a mulher é vítima”. Ou seja, as mudanças já são notáveis e um processo de transformação da concepção vem ocorrendo, mesmo que a passos lentos.

2.3.3 Relacionamentos abusivos

Nos relacionamentos afetivos, a questão do abuso de poder e, conseqüentemente, o uso da violência já se tornou uma questão pública e um

problema social frequente. A visão da mulher como mero objeto sexual, um elemento que está ali para satisfazer suas vontades faz com que a violência e a agressão sejam atos justificados.

O abuso nos relacionamentos vem ocorrendo cada vez mais cedo, até mesmo nos namoros entre adolescentes. Por ser algo intrínseco à sociedade, cada vez mais cedo os jovens tendem a ter uma visão machista sob as mulheres, definindo as mulheres como boas ou não de se ter um relacionamento conforme o seu comportamento. Os adolescentes ainda atribuem à mulher a culpa pelo ato sexual precoce, através de comportamentos, maneiras de se vestir e de agir. E ainda são julgadas se optam por ter um exercício livre da sua sexualidade; ainda que esses mesmos comportamentos por parte dos homens seja considerado aceitável e até esperado.

Esse comportamento é cultural e confirma-se na educação dos dois gêneros: a mulher é criada para esperar o momento certo, com o homem certo, não ser vulgar, não se relacionar com muitos homens para não ser considerada leviana. Já aos homens, é esperado que ele seja o garanhão; quanto mais mulheres possui, mais sua virilidade é exaltada. Cria-se dessa forma representações sociais do que é esperado de cada indivíduo, comportamentos adequados para se ajustar à sociedade. “As representações sociais são uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. (JODELET, 1984/2001, p.36; 2005; 2006)

Nos namoros, uma série de fatores podem desencadear atos violentos e abusivos. Segundo Próspero (2006), os cinco principais fatores de risco de violência física entre parceiros são: violência na família de origem; estilo de personalidade agressiva; estresse; uso e abuso de álcool e insatisfação na relação. A própria relação em si pode ser responsável por causar atos violentos, com fatores condicionantes que geram essas ações, que ao longo do tempo vão sendo normatizadas. O primeiro fator é a concepção masculina de que a mulher deve satisfazer ao homem. Ações que vão contra essa premissa podem desencadear abusos, que são justificados, acarretando a uma eventual culpabilização da mulher. O homem passa a desenvolver comportamentos de competitividade e controle sobre suas parceiras, o que pode resultar em violência. Essas atitudes violentas, como ciúmes exacerbados, o controle, o abuso psicológico e até agressões físicas muitas

vezes podem acontecer e serem confundidas com amor, o que faz com que as mulheres considerem a violência como algo natural de qualquer relacionamento. Na adolescência, esses conceitos sobre relacionamento estão sendo formados e as percepções sobre o que é considerado adequado ou não podem ser distorcidas e agravar o problema.

Devido à sociedade tratar a mulher como um personagem subordinado e estático, muitas vezes mulheres cedem à pressão e permanecem em relações, mesmo que elas sejam doentias.

Assim, os controles exercidos pelo namorado ou pela namorada, as desconfianças e o ciúme são decodificados como formas de cuidado e amor, e os insultos, tapas, empurrões e desrespeitos são entendidos como algo que deve ser suportado, porque o amor requer sacrifícios. Outro ponto que parece invisibilizar a violência é a compreensão de que ela é restrita ao âmbito físico. Os jovens que a restringem ao âmbito físico desconsideram os outros tipos de violência. (NASCIMENTO & CORDEIRO, 2011, p.524)

Dessa forma, a construção dos papéis de gênero e suas respectivas funções na sociedade, além do imaginário da idealização do amor romântico por parte das mulheres são fatores que podem corroborar com a permanência de mulheres dentro de relacionamentos abusivos. O medo de perderem seus companheiros e não atenderem às exigências incutidas pela sociedade fazem com que mulheres aceitem todo tipo de abuso e, muitas vezes, se sintam responsabilizadas por serem vítimas de violência.

Adolescentes tendem a ter grandes dificuldades em procurar ajuda, por medo de serem culpabilizadas e muitas têm vergonha de serem expostas e vistas como pessoas que sofreram violência. Medo de serem consideradas fracas ou julgadas pela sociedade. O temor por punições e julgamentos da sociedade por terem aceitado viver um relacionamento abusivo e o medo da reação de seus parceiros caso venham a fazer alguma denúncia ou contem para terceiros as violências sofridas também são outros fatores que dificultam o pedido de ajuda por parte das vítimas. Muitas, também, têm medo de ouvir a verdade e só enxergam que foi abusivo após o término do relacionamento ou na ocorrência de situações mais graves, como agressão física ou sexual.

Nos relatos obtidos na pesquisa, observa-se a permanência dos relacionamentos e também o desenvolvimento de consequências muito sérias, gerando casos de depressão, tentativas de suicídio, medo de se relacionar de novo, ansiedade. A maioria relata também a dificuldade de procurar ajuda, tanto de pessoas próximas quanto ajuda especializada, como psicólogos e psiquiatras.

Esse quadro mostra que a violência nos namoros pode acontecer em qualquer âmbito social ou classe social. Os relatos colhidos para este livro-reportagem são de meninas de classe média que cursam universidade. Desse modo, observa-se que todas estão sujeitas a ter relacionamentos abusivos; a sociedade machista em que estamos inseridos não produz a discussão e orientação no âmbito familiar e nos demais círculos sociais sobre igualdade de gênero e desigualdades sociais.

2.4 Técnicas jornalísticas empregadas

Para obter o relato dos personagens para a formulação do livro, foi utilizada a técnica de entrevista. Tratando-se de um livro reportagem de perfil, a entrevista seria o melhor método de aplicação, pois faz com que o autor tenha um olhar próprio da realidade de seus personagens, adentrando em seu mundo, através da captação das emoções e das percepções dos entrevistados. Dessa forma, permite mostrar que situação não se baseia somente nos dados factuais, mas também nos simbolismos, na subjetividade e nos significados sutis da fala de cada personagem.

Para tanto, foram elaboradas previamente perguntas adequadas a cada entrevistado, vítimas de abuso, psicólogos e defensores públicos. Além do questionário, procurou-se estabelecer um diálogo direto com os personagens, fazendo com que eles se sentissem á vontade, propondo uma humanização dos entrevistados envolvidos.

(...) uma entrevista de tipo aberto se define como história de vida uma vez que utiliza a vivência do entrevistado de maneira longitudinal, buscando encontrar padrões de relações humanas e percepções individuais, além de interpretações sobre a origem e o funcionamento dos fenômenos sociais.” (BUITONI, apud LIMA, 2009, p.93)

Dessa forma, a criação de vínculos com o entrevistado faz com que haja uma melhor captação das informações e das emoções dos entrevistados. Tratando-se de um livro reportagem, as emoções e as percepções pessoais dos personagens podem levar a uma construção narrativa mais detalhada, o que pode resultar em um texto arrojado e literário. De acordo com Lima (2009, p.96), “Compreende uma reconstrução do real, uma reconstrução em que o emocional-racional e o emocional se equilibrem, em que o real e o imaginário convivem”.

A entrevista que possui um caráter pessoal,

(...) dá a palavra ao homem interrogado, no lugar de fechá-lo em questões preestabelecidas. É a implicação democrática da não diretividade; em seguida, ela pode ajudar a viver, provocando um desbloqueio, uma liberação; enfim, ela pode contribuir para uma autoelucidação, uma tomada de consciência do indivíduo. (MORIN *apud* MEDINA, 2002, p. 13)

Assim, foram estabelecidas perguntas norteadoras, mas procurou-se evitar as perguntas diretas. Foram empregados questionamentos que surgiram de acordo com os relatos dos personagens; e em sua maioria, os personagens criaram um fluxo de pensamento próprio, fazendo com que os relatos se tornassem pessoais e íntimos.

3 PROJETO DO PRODUTO JORNALÍSTICO

3.1 Escolha do tema e do produto

A ideia deste projeto surgiu a partir dos inúmeros casos conhecidos de meninas que já passaram por relacionamentos abusivos dentro do ambiente universitário e também nas relações sociais das autoras, além da abordagem constante na mídia, com casos que ocorreram em programas de audiência nacional ou veiculados nos jornais.

A experiência das autoras com relatos diários que são veiculados em grupos fechados de redes sociais, onde mulheres do país inteiro expõem seus problemas pessoais, em troca de ajuda, conselhos e como forma de desabafo. A grande ocorrência de casos de relacionamentos abusivos dentro desses grupos e também com meninas próximas despertou a vontade de denunciar esse problema com

acontecimentos reais, como forma de denúncia e também alerta para mulheres que estão passando por isso.

A ideia de desenvolver essa temática a partir do formato de um livro-reportagem deve-se à afinidade das autoras com o gênero jornalístico impresso, que pode trazer um maior aprofundamento e uma visão mais reflexiva dos fatos reais, assim como pode facilitar a ocultação da imagem das personagens, que em sua maioria, desejaram não se identificar. Optou-se então por esse formato, uma vez que se adapta à proposta de trazer relatos e pode trazer uma maior flexibilidade na linguagem e no desenvolvimento do texto.

3.2 Projeto editorial

A partir do objetivo de denunciar o problema dos relacionamentos abusivos por meio de relatos reais de personagens e mostrar o impactos das violências que surgem dessas relações, o projeto editorial do livro-reportagem tem o intuito de descrever as situações de abusos sofridas por jovens e adolescentes e suas principais causas e consequências. Mais especificamente, foram entrevistadas 11 jovens, de 18 a 26 anos da cidade de Bauru e outras cidades do estado de São Paulo, todas cursando a universidade. Além disso, a visão de profissionais - duas psicólogas e dois defensores públicos - mostra de que modo as jovens podem encarar esse problema e as principais causas dos relacionamentos abusivos, além de orientar as jovens como podem sair dessa situação, responsável pelo desequilíbrio emocional de milhares de jovens pelo mundo inteiro.

O livro possui um capítulo para cada entrevistada, além de um capítulo de apresentação, introdução e outro de considerações finais. Devido à discrepância na extensão de alguns relatos, não foi definido um número de páginas para cada capítulo; algumas entrevistadas possibilitaram relatos mais extensos, outras foram mais sucintas. Das 11 meninas entrevistadas, foram utilizados todos os relatos, que formaram 10 capítulos. Somente um capítulo traz a história de duas meninas em um só, pois as duas estavam envolvidas em uma mesma situação, com um mesmo agressor.

3.2.1 A linguagem

A linguagem do livro é de fácil acesso, de forma que os leitores assimilem a mensagem rapidamente. . Por ser um livro que destaca especialmente o perfil das entrevistadas, foi utilizada a narrativa em terceira pessoa e em primeira pessoa, de forma que fique explicitado o distanciamento da autora e da personagem durante suas falas e, em outros momentos de narração do fato, que fosse mostrado as impressões pessoais das autoras. Essa forma de narrar também confere mais importância à fala das entrevistadas; as percepções das autoras são explicitadas nas descrições das personagens, exaltando as falas mais importantes de cada personagem, suas emoções e seus sentimentos.

O livro-reportagem procurou usar declarações que pudessem construir não só uma narrativa e os fatos reais, mas também o perfil do personagem no imaginário do leitor, a fim de evidenciar suas emoções, impressões pessoais e a maneira como reagiram e interagiram durante o ato da entrevista.

Foram feitas poucas edições nas falas das personagens, fazendo com que suas declarações fossem mantidas e preservadas em sua maioria, trazendo veracidade e informalidade; foram adequados apenas termos coloquiais, gírias e linguagem de Internet à norma padrão da Língua Portuguesa. Palavras de baixo calão e alguns termos coloquiais foram mantidos, de forma que os leitores pudessem se identificar, trazendo uma linguagem mais jovem e representando as reais impressões, expressões e emoções das personagens.

3.2.2 O público - alvo

A proposta foi criar um produto que tivesse como público-alvo adolescentes e jovens, entre 12 a 28 anos. O livro visa atingir mulheres que já passaram por relacionamentos abusivos ou que estão passando por algum. Tem como objetivo fazer com que as mulheres identifiquem em seu cotidiano comportamentos que possam ser considerados violentos, tanto em sua experiência pessoal de pessoas próximas. É voltado especificamente para o público feminino, mas também masculino, para que eles também possam refletir sobre relacionamento abusivo, como forma de conscientização. Profissionais que trabalham com o tema, como

psicólogos, também podem fazer parte do público-alvo, uma vez que pode auxiliar no tratamento de meninas que estão passando pela situação.

Os relatos obtidos vieram de meninas estudantes da cidade de Bauru e também de meninas de outros estados e cidades, que se propuseram a participar do projeto em grupos femininos de redes sociais. Em sua maioria, jovens de 18 a 26 anos, classe média, estudantes universitárias. Muitas tiveram seus relacionamentos abusivos antes dos 18. Assim, o público alvo essencial são meninas de 14 a 30 anos, moradoras de Bauru e outras cidades do Estado.

A linguagem empregada adequou-se à faixa etária escolhida, trazendo uma objetividade e uma humanização dos personagens, porém sem o uso de gírias e evitando termos rebuscados, tornando a leitura acessível e fácil para seu público.

3.2.3 Viabilidade do mercado

O crescente enfoque da mídia sobre o tema relacionamentos abusivos e violência contra a mulher no geral, além da exposição de casos de violência em redes sociais faz com que o produto aqui apresentado seja viável no mercado e provoque o interesse público; uma vez que a discussão é atual e provoca inúmeros debates. O assunto vai ao encontro das discussões feministas que se ampliam na sociedade e também fomenta o combate ao machismo.

3.2.4 Circulação e lançamento

A circulação escolhida para o livro-reportagem, no primeiro momento é regional, voltada para jovens universitárias e também para profissionais que trabalham com o tema na região, principalmente da Psicologia. Em um segundo momento, dependendo da repercussão, a circulação poderia ser estadual, uma vez que muitas meninas que contribuíram com relatos são do Estado de São Paulo. O lançamento do produto poderia ser em qualquer época do ano, uma vez que o assunto não possui uma temporalidade e sempre vai ter relevância no meio social.

A princípio, o livro teria uma edição única, com possibilidade de reedição, caso surgissem mudanças ou mais relatos que pudessem complementar a discussão abordada pela obra.

3.2.5 Custos

O produto teve financiamento próprio das autoras, o que incluiu gastos com a diagramação, feita de forma externa, e a impressão de cópias. Isso totalizou um valor de 120 reais

4 O LIVRO-REPORTAGEM

4.1 O processo de produção

Os tópicos a seguir têm como intuito de relatar todo o processo de produção do livro reportagem, desde a escolha do tema e ideias para perguntas durante as entrevistas até o fechamento do produto final. Os critérios das escolhas dos relatos e das perguntas abordadas junto com a estruturação dos capítulos também serão apresentados.

4.1.1 Definição das entrevistas

Antes da coleta de entrevistas e da pesquisa por profissionais especializados no assunto, as discentes por um mês leram obras sobre o assunto, de caráter científico/ acadêmico ou literário que abordassem relacionamentos abusivos, porém se notou escassez de publicações sobre violência psicológica e verbal.

Endereços eletrônicos na Internet contribuíram com conhecimentos e dados sobre a violência contra a mulher, inclusive vídeos de pessoas que acharam justo compartilhar seus casos na internet.

A fundamentação teórica acerca do tema aprofundou o conhecimento da temática e subsidiaram a elaboração das perguntas para as entrevistas e principalmente para a abordagem adequada para esse assunto delicado. O relato da maioria das entrevistadas sobre seus relacionamentos abusivos abordavam as questões da entrevista planejadas pelas discentes: o que levou os parceiros às atitudes violentas, quando havia começado as atitudes abusivas, por que elas permaneceram no relacionamento, como hoje elas enxergavam aquele relacionamento e principalmente a presença do machismo e do patriarcalismo como influência das atitudes abusivas.

Além das entrevistas realizadas com doze mulheres de 18 a 26 anos, foram entrevistados quatro profissionais: dois defensores públicos e duas psicólogas. A Delegada da Delegacia da Mulher da cidade de Bauru foi procurada também, duas visitas foram feitas à Delegacia e ela não estava presente, o ofício entregue também não foi respondido. Aos profissionais, foram questionados as raízes do comportamento abusivo, se eles já haviam lidado com casos de relacionamento abusivo e como procederam.

Das 12 meninas entrevistadas, cinco delas foram encontradas em um grupo de auxílio (sobre diversas temáticas) do *Facebook* para meninas jovens; as entrevistas foram feitas por *Skype* e *e-mail* por morarem em outro estado. As outras sete meninas concordaram em dar entrevista pessoalmente e foram encontradas por indicação ou por já terem feito declarações de seus relacionamentos abusivos.

As entrevistas foram realizadas em local de preferência da entrevistada e foi nítida a diferença nas entrevistas presenciais. Nestas, obtivemos mais riqueza de detalhes e percepções. O nervosismo ao falar do assunto era visível em todas as jovens, cada uma da sua forma específica. Algumas tiveram dificuldades com a ordem cronológica dos fatos, já que tentaram esquecer a todo custo o que passaram; outras conseguiram falar com clareza de todos os fatos, mas o nervosismo foi comunicado na expressão corporal. Algumas fumaram, outras apertaram as mãos, outras falaram tão baixo que era quase impossível de ouvir.

As entrevistas foram muito esclarecedoras e trouxeram uma perspectiva diferente para as discentes sobre como as vítimas vivenciaram os relacionamentos e hoje como elas veem esse mesmo relacionamento. É importante ressaltar que durante as entrevistas não foi seguido um padrão com todas as jovens, já que as entrevistadoras respeitaram os limites de cada uma para o relato.

4.1.2 Busca e escolha das fontes

A proposta dessa pesquisa não foi só colher os relatos dessas 11 jovens e saber suas histórias específicas em relacionamentos abusivos, mas também coletar informações de profissionais que trabalham diretamente com o tema. Planejamos que todas as entrevistas fossem feitas pessoalmente devido a maior qualidade de coletar informações e percepções, entretanto, o fato de algumas entrevistadas morarem em outras cidades, não foi possível a realização de todas pessoalmente. Também não foi viabilizada a entrevista com a Delegada da Delegacia da mulher de

Bauru, por não termos obtido retorno da nossa solicitação. À Delegada, seriam feitas perguntas mais focadas em violência física e como é o acompanhamento nesses casos e se são direcionados para algum suporte específico. Duas visitas foram feitas à Delegacia, a delegada não estava, um ofício da Universidade foi deixado, mas nenhum contato foi feito.

As jovens que contaram seus relatos pessoalmente assinaram um termo de sigilo autorizando a utilização das informações no livro-reportagem, e assegurando que as informações seriam somente usadas no trabalho de conclusão de curso e indicando que as entrevistas seriam gravadas para transcrição posterior. Todas optaram por utilizar nomes fictícios. Para entrevistas com instituições públicas, como Defensoria e Delegacia da Mulher, redigimos um ofício por parte da Universidade, explicando a pesquisa e seu fim acadêmico.

A escolha dos relatos de vítimas mulheres de relacionamentos abusivos justifica-se pela falta de trabalhos acadêmicos sobre o tema que abrange a manipulação, a violência física e verbal presentes nesses relacionamentos.

A escolha específica das jovens para os relatos não seguiu um padrão de classe social, de cor ou religião. O único critério foi por jovens do sexo feminino que se envolveram ou ainda estivessem envolvidas em um relacionamento considerado por elas abusivo. Conseguimos cinco dos 12 relatos por meio do grupo de suporte a meninas existente no Facebook encontrado pelas discentes. Sete dos 12 relatos foram indicações de conhecidos.

4.1.3 Redação das matérias

Pretendíamos um produto final entre 100 e 150 páginas, com cada relato tendo em média de cinco a sete páginas. Não foi especificada a quantidade de páginas exatamente, pela maneira diferenciada de cada entrevistada e de como era possível trabalhar com seus relatos, umas foram mais extensas, outras mais sucintas. As entrevistas pessoais renderam mais repertório e mais conteúdo para a redação dos relatos. As entrevistas feitas pela internet resultaram em menos conteúdo e percepções menos sucintas acerca de como a vítima se sentia em relação ao tema. Todas as entrevistas pessoais foram gravadas e transcritas, e as feitas pela internet foram documentadas (vide em anexo), o que facilitou a construção dos relatos.

Os dois primeiros relatos foram os mais difíceis de serem escritos por ainda não existir uma estrutura definida para cada relato do livro. A partir daí, definimos uma estrutura, apesar de os relatos serem bastante diferentes entre si. A escolha dos nomes dos capítulos, com o nome fictício de cada jovem pretende humanizar os relatos; cada história presente no livro-reportagem não resume o perfil da mulher vítima, mas de alguma forma a caracteriza durante aquele período do relacionamento. Os nomes dos capítulos foram escolhidos a partir de alguma frase ou uma característica escolhida pelas entrevistadas que marcou o relato ou a própria vítima.

Além dos 10 capítulos, um para cada relato obtido, o livro-reportagem ainda conta com mais dois capítulos, a introdução e as considerações finais; além de uma apresentação inicial. As informações obtidas com os profissionais foram introduzidas nos relatos de forma opinativa. Nos dois capítulos supracitados, do começo e fim do livro, não foram estipulados caracteres ou limites de páginas, e foi voltado para a contextualização da temática e das relações afetivas e abusivas.

A redação do livro - reportagem construiu-se em um mês e meio. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas para a construção dos relatos das vítimas e das opiniões dos profissionais, mantendo assim as declarações dos entrevistados. As edições aconteceram apenas em caso de erro gramatical, repetições de palavras ou coesão da frase por parte dos entrevistados.

4.1.4 Uso de imagens

Não utilizamos imagens no interior do livro para identificar os personagens, já que a maioria optou por sigilo de identidade. Os profissionais entrevistados não optaram por sigilo, mas a utilização de imagens não foi feita para manter o foco do livro – reportagem nos relatos das vítimas de relacionamento abusivo e não nos profissionais.

Na capa do livro, selecionamos uma imagem do banco de dados gratuito, pois não era uma opção usar fotos de alguém entrevistado ou dos profissionais.

4.2 Técnicas empregadas

Um livro – reportagem, gênero de maior liberdade em relação à forma de escrita, resulta em um produto final com identidade própria.

(...) o jornalismo trata de conflitos. E trata-os centrados no homem, assim como a dramaturgia, porque tem caráter antropocêntrico, mas diferentemente destas localiza as situações de embates na realidade social e as traduz para o plano do relato real, correspondente a uma verdade concreta (...) (LIMA, 2009, p.75)

Para a especificidade do gênero reportagem de perfis, além do recurso das entrevistas, optamos por uma linguagem mais próxima do público e literária. A descrição das entrevistadas e do momento da entrevista a partir de percepções pelas entrevistadoras também aproxima o leitor do tema e dos relatos.

4.3 Produto final

4.3.1 Projeto gráfico

A diagramação do produto e a escolha da imagem bem como a identidade visual e a imagem de capa escolhida foi feita pelas discentes.

A escolha do título do livro, dentre todas as hipóteses e opções pensadas, foi decidido pelas discentes por “Amores Abusivos: sob o olhar delas”; justamente por ser um título simples e que transmite toda a carga significativa do livro. O livro conta a história de 11 amores abusivos, relatados pelas partes femininas envolvidas, que transmitem o olhar das vítimas de um relacionamento abusivo, trazendo as consequências individuais de cada uma. Optou-se pela palavra “amores” ao invés de relacionamentos ou relações para não tirar a carga sentimental desses relatos. Não é porque teve abuso e opressão que esses relacionamentos não tiveram amor ou sentimento.

Na capa, optou-se por uma figura ilustrativa de um coração rasgado ao meio para representar de maneira figurativa a fala mais presente no discurso das entrevistadas quando se referiam aos relacionamentos como “Eu fiquei quebrada”; “Eu estava quebrada” ou “Isso me quebrou”. Além disso, as gotas vermelhas ao redor do coração simulam uma imagem de sangue, representando toda a dor presente na vida dessas mulheres e o quanto aquilo as machucou, fisicamente ou psicologicamente. As cores vermelhas da capa e contracapa são para simbolizar a

paixão, o amor, e ao mesmo tempo, o sangue representando a dor; que remete às principais situações que foram relatadas pelas entrevistadas.

A mesma imagem da capa foi utilizada em cada final de capítulo no projeto gráfico, em preto e branco, remetendo ao logo e também, mostrando de forma figurativa, como cada história.

Em relação à escolha das fontes nos capítulos, buscou-se uma fonte não serifada, que facilita a leitura, uma vez que o público-alvo é um público jovem. Buscou-se também um tamanho equilibrado e sem muitos detalhes no texto corrido, trazendo também a seriedade que o tema exige.

Ao total foram produzidas 144 páginas, com 10 capítulos de relato, mais uma apresentação, introdução e considerações finais. Os dez capítulos, reservados para os relatos das jovens vítimas têm de cinco a 12 páginas.

Sobre a configuração dos textos em cada página, foi escolhida uma margem mais espaçosa para melhor conforto durante a leitura do livro, deixando alguns espaços em branco na abertura dos capítulos, que faz com que o aspecto visual do livro fique mais suave e a leitura não fique cansada.

Já o tamanho do livro, foi escolhida a dimensão 14 x 21cm, um tamanho confortável e que possibilita a praticidade de ser carregado e levado para qualquer lugar.

A tipologia usada do papel foi Offset 90mg para o miolo do livro, por ser um padrão de impressão de qualidade e permitir o uso de tintas e possibilidades de trabalhos personalizados, como foi a capa do livro.

4.3.2 Especificações técnicas

Nessa parte do relatório, são descritas as especificações técnicas quanto ao tipo, tamanho e cor das fontes utilizadas para a diagramação do livro-reportagem.

- Capa/ Título:

Fonte: Let that be enough (Bold)

Tamanho: 40

Cor: preto

- Autor

Fonte: Let that be enough (Regular)

Tamanho: 20

Cor: preto

- Corpo do texto:

Fonte: Gill Sans (Regular)

Tamanho: 12

Cor: preto

- Número dos capítulos:

Fonte: Let that be enough (Bold)

Tamanho: 24

Cor: preto

- Nome dos capítulos:

Fonte: Let that be enough (Bold)

Tamanho: 16

Cor: preto

- Subtítulos:

Fonte: Gill Sans (Bold)

Tamanho: 12

Cor: preta

- Paginação:

Fonte: Let that be enough (Regular)

Tamanho: 8

Cor: preto

- Resumo da capa:

Fonte: Gill Sans

Tamanho: 11

Cor: preto

- Orelhas do livro:

Fonte: Gill Sans (Italic)

Tamanho: 11

Cor: preta

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trajeto desse trabalho, na rotina de construção do livro-reportagem, desde a escolha do tema, passando pelas entrevistas e chegando à redação do livro, muitos aspectos foram percebidos. Primeiro, a escolha do tema, como já citado no presente relatório, o tema foi proposto em função da sua relevância social e pouca abordagem no mundo acadêmico. Justamente pela falta de visibilidade da temática, não haviam expectativas por parte das autoras do projeto em relação ao que esperar ao lidar com tal assunto.

Durante o processo de entrevistas, momentos muito sensíveis aconteceram, mostrando a fragilidade do assunto e o profissionalismo necessário para abordá-lo. Por ser um tema pouco discorrido no mundo acadêmico, muitas teorias e suposições são realizadas acerca das vivências reais dos relacionamentos abusivos; todas essas suposições foram colocadas no livro em formato de relato por parte de alguma entrevistada. Entretanto, foi essencial para a qualidade do conteúdo, e entendimento das autoras sobre o assunto, a entrevista feita com as profissionais de Psicologia.

A partir de todos os relatos obtidos, as entrevistas feitas com profissionais e o contato íntimo com as vítimas de relacionamentos abusivos, pudemos perceber que o problema vai além do machismo existente. Em primeira instância, o principal motivo para a ocorrência de violência dentro dos relacionamentos que se imaginava era o problema do machismo; porém, ao longo da pesquisa, percebe-se que as causas são muito mais variadas.

Em sua maioria, as vítimas relatam que seus agressores tinham algum tipo de trauma na infância, principalmente, foram alvos de bullying, fazendo com que a autoestima desses homens fosse alterada em algum momento. Outro motivo existente é o patriarcalismo familiar ou pessoas que vivenciaram algum tipo de violência dentro da própria casa. Contudo, percebe-se que, na maioria dos casos, os agressores justificavam suas ações por meio de uma visão machista. Assim, o machismo não é a única característica em comum desses relacionamentos, mas esteve sempre presente. Conclui-se também que o tema precisa e deve ser bastante abordado, discutido e questionado ainda para que mais visibilidade e seriedade

possa ser atrelado a ele.

Ao longo da pesquisa, foram encontrados alguns obstáculos, principalmente na captação de entrevistas com profissionais da Defensoria Pública e Delegacia da Mulher. Inicialmente, a intenção era conseguir entrevista com alguma responsável pela Delegacia da Mulher de Bauru, mas não foi obtido retorno. Um ofício com o parecer da Universidade sobre a pesquisa foi enviado, além de duas visitas ao local, onde nenhuma resposta foi obtida. Na Defensoria, também foi entregue o ofício. Primeiramente, não foi obtido resposta, mas depois, um retorno foi realizado já com data prevista para a entrevista. Algumas situações jurídicas e processuais que envolvem casos de relacionamentos abusivos foram esclarecidas por parte da advogada responsável.

A captação dos relatos das vítimas de relacionamentos abusivos também foi difícil, uma vez que se trata de um assunto muito delicado e com uma carga pesada de informações. Apesar do processo árduo de colocar toda essa emoção para dentro do livro, o resultado foi gratificante. Poder denunciar esse problema, que afeta milhares de mulheres ao redor do mundo, faz com que a função de jornalista esteja sendo cumprida de maneira gloriosa, uma vez que foi exposto um problema social que acontece diariamente e não é visto, nem discutido e muito menos, apresentado soluções para que o problema seja amenizado. A escolha do formato livro-reportagem também foi muito satisfatória, pois foi possível relatar e denunciar o problema por meio de relatos reais e emocionantes.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUÍ, Marilena. **Ética e violência. Teoria & debate**. Fundação Perseu Abramo, nº 39. 1998. Disponível em: <http://csbh.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/editora/teoria-e-debate/edicoes-anteriores/ensaio-etica-e-violencia>. Acesso em: 27 jun. 2017.

CORRÊA, S. O conceito de gênero: teorias, legitimação e usos. In: BARSTED, Leila Linhares; PITANGUY, Jacqueline (Org.). **O progresso das mulheres no Brasil 2003-2010**. Rio de Janeiro: CEPIA; Brasília: ONU Mulheres, 2011. P. 339-344.

GREGORI, M. F. **Cenas e queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: ANPOCS, 1993.

JODELET, D. (1994). "Représentations sociales: un domaine en expansion". In: Jodelet, D. (dir.). **Les représentations sociales**. 4 ed. Paris, Presses Universitaires de France (Sociologie d'Aujourd'hui).

KIENTZ, Albert. **Para analisar los mass media**. VALENCIA, Fernando Torres, 1974, p.103, apud LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas – o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas: Ed. Unicamp, 1993, p.64.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é Livro-Reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1995.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4ª ed. Barueri: Editora Manole, 2009.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2000.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio: Uma história da mulher através os tempos e suas perspectivas para o futuro**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

MURTA, Scheila Giardini; BUCHER-MALUSCHKE, Julia Sursis; DINIZ, Gláucia Ribeiro. **Violência no Namoro – Estudos, Prevenção e Psicoterapia**. Curitiba: Editora Appris, 2015.

NASCIMENTO, Fernanda Sardelich; CORDEIRO, Rosineide de Lourdes Meira. **Violência no namoro para jovens moradores de Recife**. *Psicol. Soc.* [online]. 2011, vol.23, n.3, pp.516-525. ISSN 0102-7182. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822011000300009>. Acesso em 27 jun 2017

ODÁLIA, Nilo. **O que é violência**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PITANGUY, Jacqueline. Advocacy e direitos humanos. In: BARSTED, Leila Linhares; PITANGUY, Jacqueline (Org.). **O progresso das mulheres no Brasil 2003-2010**. Rio de Janeiro: CEPIA; Brasília: ONU Mulheres, 2011.p. 20-56.

PORTELLA, A. P. **Novas faces de violência contra as mulheres**. In Marcadas a ferro. Brasília, DF: Secretaria Especial de Políticas Públicas para as Mulheres, 2006.

SOARES, B. M. **Mulheres invisíveis: violência conjugal e as novas políticas de segurança**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Redação: o texto no jornalismo impresso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

STRAUS, M. A.; GELLES, R. J.; STEINMETZ, S. K.. **Behind closed doors: violence in american families**. Nova York: Doublead, 1980.

TELES, M. A. A.; MELO, M. **O que é violência contra a mulher**. São Paulo: Brasiliense, 2002. (Primeiros passos)

WOLFE, T. **The New Journalism**. Londres, Picado, 1975.

ANEXOS

ANEXO A – Termo de sigilo entre as entrevistadas.

TERMO DE SIGILO

As Estudantes Giovanna Falchetto e Tatiana Olivetto asseguram usar as informações adquiridas durante a entrevista com _____ apenas para fins acadêmicos na construção do livro reportagem/ trabalho de conclusão de curso para a graduação em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista

Eu _____ autorizo a utilização das informações concedidas durante a entrevista com as estudantes Giovanna Falchetto e Tatiana Olivetto na construção do livro reportagem/ trabalho de conclusão de curso para a graduação em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista

Autorizo a utilização do meu verdadeiro nome e nome dos envolvidos

Autorizo a utilização do meu nome verdadeiro e nomes fictícios para os envolvidos

Autorizo a utilização de um nome fictício ao invés do meu e de envolvidos

Giovanna Falchetto

Tatiana Olivetto

Entrevistada

